



VISÃO DO CORREIO

Efeitos da crise institucional

Elas leis da economia, mais que a evolução real dos preços, câmbio, balança comercial, investimentos e da produção e desempenho das empresas, é a expectativa sobre o comportamento desses e de outros indicadores que move a montanha, como diz o ditado em relação à fé, no rumo do crescimento ou na direção oposta a ele. Num Brasil que busca não só a recuperação como também a expansão do seu PIB, em meio a uma crise institucional com ruídos diários, torna-se difícil lidar com essa perspectiva se confirmando num caminho desfavorável e perigoso para o país.

Na segunda-feira, ficou evidente a deterioração das previsões de mais de uma centena de analistas de bancos e corretoras que o Banco Central ouve na elaboração do Boletim Focus. As expectativas para a inflação alcançaram, pela primeira vez neste ano, a barreira de 7%, inclusive ultrapassando esse percentual. Agora, são 19 elevações projetadas do custo de vida em 2021, sendo que a última delas saiu de 6,31% em julho para 7,05%.

Com isso, a taxa básica de juros, a Selic, subiu mais um pouco, de 7,25% para 7,5% ao ano no cenário imaginado pelo mercado financeiro. Significa dor de cabeça para o BC, uma vez que o Conselho Monetário Nacional não contava com nada além de um IPCA de 5,25% neste ano, permanecendo o centro da meta de inflação em 3,75% anuais. Pioraram também as expectativas quanto à performance da atividade econômica neste ano para taxa de crescimento de 5,28% ante 5,30% anteriores, assim como a previsão para o PIB de 2022 baixou de 2,10% para 2,04%.

Analistas têm admitido ainda que a crise política afeta mais do que se imagina os ativos da Bolsa, com o Ibovespa acumulando perdas de 1% este ano. Basta observar

tratar-se de resultado muito ruim, na comparação com as altas dos grandes mercados acionários do mundo como o de Nova York (17,33%) e o de Frankfurt (16,4%) e até mesmo de países emergentes. Argentina mostrou subida de 26,6% e a Rússia, de 20,1%, de suas respectivas bolsas.

A Bolsa fechou o pregão em queda de 1,07% ontem, aos 116.247 pontos e invertiu o sinal no mês, agora, com desvalorização de 3,19%. O Ibovespa havia chegado aos 130 mil pontos em junho. Há quem estime que a B3 poderia ter passado dos 150 mil pontos. O dólar, por sua vez, deveria estar mais baixo, não fosse a crise política. A moeda está precificada em R\$ 5,10 para o fim do ano, frente à estimativa de R\$ 5,05 traçada um mês atrás.

Todo o esforço da produção industrial também não tem convencido o mercado financeiro, que optou por trabalhar com discreto avanço de 6,43% para 6,47% da taxa de crescimento em 2021. Para 2022, os analistas mantêm a previsão de 2,20%. E, para completar o cenário incômodo entre as áreas técnicas do BC e do Ministério da Economia, é do governo que surgem mais indicadores negativos. A Aneel divulgou, na segunda-feira, cálculos preliminares de que, após o baque nas contas de energia este ano, que têm puxado a inflação, as tarifas devem subir, em média, 16,68% ano que vem, devido aos efeitos da crise hídrica.

São números mais do que suficientes para que o presidente da República e sua equipe reflitam sobre efeitos da crise institucional. Expansão com inflação alta tem vida curta, diferentemente da experiência de países que se desenvolveram criando um mercado interno forte em consumo. Seria como alimentar uma crônica anunciada de indicadores econômicos.



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Chega de palhaçada

Senador Rodrigo Pacheco
Presidente do Senado
Não caia numa cilada
Tenha muito cuidado

Tem gente que não sossega
E isso é perigoso
Onde já se viu impichar
Os ministros Moraes e Barroso

A população brasileira
Já está estressada
Pandemia, desemprego e fome
Chega de palhaçada

Existem aqueles que querem
Ver o circo pegar fogo
São espertalhões populistas
Que só sabem enganar o povo
» Jeovah Ferreira,
Taquari

Afronta

Mais do que vergonha, as imagens do presidente da República, transmitidas pela CPI da Covid, admitindo que modificou um documento de um técnico do Tribunal de Contas da União (TCU) para negar, de forma mentirosa, o número de óbitos pela covid-19, é repugnante. A irresponsabilidade do sr. presidente ultrapassou todo e qualquer limite de tolerância, exceto para a Câmara dos Deputados, especialmente para o Centrão, cujos integrantes lucram com a incompetência e o desgoverno bolsonarista. Há meses, autoridades do Judiciário, pouquíssimos parlamentares e os meios de comunicação falam da existência de um gabinete do ódio. Na semana passada, o ex-deputado e notório corrupto Roberto Jefferson, presidente do PTB, foi preso por incitar ações contra os poderes Judiciário e Legislativo, numa franca ofensiva contra a democracia, conquistada com a perda de centenas de vidas, subtraídas pela ditadura militar. A sua prisão foi criticada por elementos ocupantes de altos cargos no Executivo, como se os vídeos e mensagens divulgadas por Jefferson não se constituíssem uma afronta ao Estado democrático de direito, mais um indício de que a ideia é forjar novo golpe, como declarou o presidente na reunião de 22 de abril. Em vez de governar, Bolsonaro prefere criar conflitos para encobrir a sua incompetência macabra. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal parecem conluídos com essa ideia, pois nada fazem para conter o capitão, que usa as Forças Armadas para intimidar o país.

» Benjamin Costa,
Sudoeste

Impeachment

A esquerda está ávida para derrubar um presidente honesto, cristão, defensor dos preceitos familiares, para substituí-lo por um sujeito com uma dezena de processos por corrupção. Já mais conseguirá, haja vista a

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

“Um país entregue à barbárie: esperei por essa manchete no CB, mas, quando olhei, vi que se tratava do Afeganistão...”

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Diante do espelho, Bolsonaro cantarola: “Com que cara eu vou para a Cúpula da Democracia, que o Biden convidou... Com que cara eu vou...”

Jair Pio de Andrade — Octogonal

Só num regime antidemocrático
cassa-se ministros do Judiciário
por desagradarem o ditador.

Joaquim Honório — Asa Sul

de Moraes. “Não tenho dúvidas de que sofremos uma ameaça à nossa democracia. Temos um presidente da República que diariamente ataca a democracia, o sistema eleitoral e autoridades sem nenhuma prova”, avalia Alessandro.

» Vicente Limongi Netto,
Lago Norte

Efeito adverso

Matéria do CB (11/8) relata que, das 983 mil pessoas que receberam a primeira dose das vacinas contra SARS-CoV2, 711 morreram; e, das 339.700 com duas doses, 236 faleceram. No total, 947 mortes em 1.323.000 vacinados, uma incidência de 0,06%. Estatisticamente, um número desprezível. Entretanto, quando se considera o número absoluto, algo chama a atenção. Nos últimos 20 anos, é um evento extremamente incomum, morte por todas as outras vacinas aplicadas na rede pública e nas clínicas privadas. Se, em 20 anos, raras pessoas morreram diretamente pelas vacinas, o número de 947 mortes após vacinação contra covid está fora da curva. Nos EUA, em 1976, uma vacina contra gripe suína causou 25 óbitos e, por isso, foi imediatamente cancelada. No DF, 947 mortes em apenas sete meses e... tudo normal? Necessita-se de uma explicação científica da Secretaria de Saúde sobre a coincidência ou a relação de causa e efeito entre as vacinas e as mortes. Afirmar que os benefícios superam os malefícios não convence. A morte não pode estar na conta de efeito adverso.

» Roberto Doglia Azambuja,
Asa Sul



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Por quem choram os muezins?

Em todo o país muçulmano, escuta-se o clamor melancólico do muezim, o pregoeiro que anuncia, do alto do minarete da mesquita, as cinco preces diárias que todo o seguidor de Maomé e de Alá deve fazer. É um chamado à devoção e à leitura do *Corão*, o livro sagrado do islã. Qualquer muçulmano avesso ao radicalismo sabe que sua religião prega a paz. Desde o último domingo, o Afeganistão mergulhou nas trevas, na obscuridade do fanatismo, na misoginia travestida de religião, na deturpação mais extrema das suratas — os 114 capítulos do *Corão* —, no desprezo pelos direitos humanos, na absoluta aversão aos valores ocidentais. Horas depois da tomada de Cabul, outdoors com mulheres sem o véu islâmico começaram a ser removidos da capital. Um indício da censura draconiana a caminho.

Doem na alma as imagens de afegãos tentando embarcar em aviões e se agarrando ao trem de pouso. Como se tentassem agarrar a própria vida por poucos minutos, antes de serem lançados à morte. Quem ficou em Cabul sabe que perdeu a liberdade. Em um regime liderado pelo Talibã, submissão é garantia de integridade física. Quem não se recorda das mulheres apedrejadas em público por suposto crime de adultério? Quem não se lembra dos estádios lotados de gente para assistir a execuções públicas? Uma forma de manipular pelo medo. Com os talibãs no poder, as mulheres, provavelmente, serão forçadas a abandonar os estudos. Algumas

serão obrigadas a se casarem com os mujahedin (combatentes islâmicos). Terão de se esconder atrás da burca, que cobre da cabeça aos pés. Os homens serão impedidos de fazer a barba. Músicas ocidentais estarão banidas do Afeganistão. Mais de 40 milhões de pessoas ficarão escravas de fanáticos religiosos que idolatram armas.

Por quem choram os muezins? Como os clamores melancólicos dos pregoeiros nas mesquitas afegãs ecoarão como símbolo de esperança em uma terra mais uma vez lançada às trevas e à idade das pedras? A tragédia do Afeganistão é o preço do desprezo pelo futuro de uma nação, da corrupção galopante, da ignorância em relação a uma cultura e a um povo, do desinteresse em assentar as bases do crescimento econômico de uma nação, da indiferença para com as escaramuças tribais de uma sociedade complexa. No discurso de anteontem em que tentou justificar o injustificável, o presidente Joe Biden encarnou Pôncio Pilatos. Lavou as mãos ante o medo, o desespero absoluto e a desesperança de uma nação refém de fundamentalistas.

Os Estados Unidos têm sua parcela de culpa pela tirania corânica que reascendeu ao poder depois de duas décadas de quase hibernação. Assim como os aliados ocidentais dos norte-americanos, que acreditavam encarnarem a figura dos libertadores. Apenas semearam o caminho para o caos. Ao povo afegão, meus pêsames pela morte de qualquer esperança de democracia e de liberdade.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
É se mais mundo howera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526; 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, Pr. Andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaijg.com.br; Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalri@uaijg.com.br; REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br; Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Maranhão, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrrm@hrm.com.br; Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCs Qda G2, Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: thiagu@s4publicidade.com.br; Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00	R\$ 789,88 360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para todos os estados.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIC Quadra 2, nº 340, bloco L, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dadabr.com.br Site: www.dapress.com.br



Agenciamento de Publicidade